

RITUAIS como submodelo metonímico da categoria RELIGIÃO: o papel estruturante do Sistema da Metáfora Moral*

Carina Maria Niederauer Granzotto**
Heloísa Pedroso de Moraes Feltes***

Resumo

Este artigo dá destaque à plausibilidade da hipótese de que RITUAIS opera como um submodelo metonímico que “está pela” categoria RELIGIÃO como um todo. A análise baseia-se em um corpus de fragmentos discursivos oriundos de fontes documentais, entre 1875 à década de 50, sobre o sistema de crenças de imigrantes italianos católicos e seus descendentes. RITUAIS estrutura-se como um modelo proposicional (por scripts), mas opera metonimicamente sobre a categoria RELIGIÃO com força prototípica estruturante. O Sistema da Metáfora Moral (cf. LAKOFF; JOHNSON, 1999), uma forma de modelo cognitivo-cultural, motiva as conexões estruturais em uma categoria radial complexa, demonstrando o potencial da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados em investigações de natureza cognitivo-sociocultural.

Palavras-chave

RITUAIS; RELIGIÃO; sistema da metáfora moral; imigrantes italianos católicos; semântica cognitiva

Abstract

This paper calls attention to the plausibility of the hypothesis that RITUALS operates as a metonymic sub-model that “stands for” the category RELIGION as a whole. The analysis is based on a corpus of discursive fragments from documentary sources from 1875 to the 50's, which provides information about the belief system of Catholic Italian immigrant and their descendants. RITUALS is structured as a propositional model (by scripts), but operates over the category RELIGION metonymically with a structuring prototypical force. Moral Metaphor System (cf. LAKOFF; JOHNSON, 1999), as a form of cognitive-cultural model in Cognitive Semantics, motivates the structural connections inside of a complex radial category demonstrating the potential of the Idealized Cognitive Models Theory in investigations of cognitive-cultural nature.

Keywords

RITUALS; RELIGION; moral metaphor system; catholic italians immigrants; cognitive semantics

* Artigo recebido em 13/01/2011.

** Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora no Centro de Ciências Humanas da UCS.

*** Doutora em Letras – Linguística Aplicada – pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS.

1 Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar o submodelo RITUAIS, a partir da estrutura radial desenvolvida em Granzotto (2007) e Feltes (2007) para a categoria RELIGIÃO, na perspectiva da Semântica Cognitiva¹. A hipótese que orienta este estudo é a de que RITUAIS metonimicamente representa, pela via do realismo experiencialista, a categoria RELIGIÃO. As análises baseiam-se em fragmentos de discursos sobre o sistema de crenças do discurso do imigrante italiano católico, a partir de fontes documentais. A teoria que sustenta esta hipótese é a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, conforme Lakoff (1987) e Lakoff e Johnson (1999). O Sistema da Metáfora Moral tem papel fundamental na estruturação da categoria RELIGIÃO e, em sua organização, na formulação da hipótese de que RITUAIS constituem um submodelo metonímico que subjaz ao modo de “dar sentido” às experiências socioculturais relativas à religiosidade, nos limites do *corpus* examinado.

Conclui-se que o submodelo RITUAIS, estruturado pelo Sistema da Metáfora Moral, conecta-se com vários elementos constitutivos da estrutura radial. Uma das conexões mais produtivas dá-se pela metáfora RITUAIS SÃO UM CAMINHO PARA CONECTARA-SE A DEUS (ou ao PLANO DIVINO).

Este artigo inicia com uma breve descrição do Sistema da Metáfora Moral, de acordo com a proposta de Lakoff e Johnson (1999), entendido como um modelo metafórico de potencial estruturador de várias categorias abstratas. Em seguida, discute-se, por meio de autores como Burkert, Durkheim e Eliade, a origem e o papel da religião e dos rituais nas diferentes culturas. Logo após, faz-se a análise de alguns fragmentos do *corpus*, à qual se seguem as considerações gerais que resumem os achados mais relevantes deste estudo ilustrativo.

2 Sistema da Metáfora Moral

Segundo Lakoff e Johnson (1999) nosso sistema moral é capaz de penetrar de forma oculta em áreas significativas de nossa cultura, como é o caso da religião. Igualmente, a moralidade metafórica pode exercer forte influência em nossas decisões morais. O

¹ Este artigo avança em questões tratadas na dissertação *Semântica Cognitiva Aplicada: a radialidade da categoria RELIGIÃO nos discursos dos imigrantes italianos (de 1875 à década de 1950)*. Para esse trabalho foram analisados 93 segmentos dos 138 catalogados. O método adotado encontra-se em Feltes (2007). Na proposta original, toda a análise vincula-se à defesa da hipótese de uma estrutura radial para a categoria RELIGIÃO.

Sistema da Metáfora Moral engloba a Metáfora da Contabilidade Moral, a da Força Moral, da Ordem Moral e outras que são descritas mais adiante.

Os domínios-fonte das metáforas morais, de acordo com os autores, teriam sua origem na maneira como as pessoas, de acordo com a história através das culturas, as entendem como possibilidade de bem-estar; logo, as teorias populares básicas de bem-estar determinam a base do sistema das metáforas morais em todo o mundo.

De acordo com a metáfora da **CONTABILIDADE MORAL**: (a) aumentar o bem-estar de outros é, metaforicamente, aumentar nossa prosperidade e vice-versa; (b) aumentar o bem-estar de outros dá-nos um crédito moral; e (c) causar um dano a alguém cria um débito moral: deve-se a ele um aumento de bem-estar como prosperidade.

Levando-se em consideração o contexto da época, o maior objetivo do imigrante era obter bem-estar para ele e para toda sua família. Diante desse quadro, as orações representavam a possibilidade de pagar os débitos para com Deus, ao mesmo tempo em que asseguravam algum tipo de crédito, pois, de acordo com o esquema moral básico da reciprocidade, se você faz algo de bom para alguém, esse alguém ficará lhe devendo algo. Há, nesse caso, uma ação moral, uma vez que é dado algo positivo, as ORAÇÕES. Dessa forma:

MAIS ORAÇÃO É MAIS BEM-ESTAR [Metáfora da Contabilidade Moral]

MAIS ORAÇÕES É MAIS SANTO [Esquema moral da reciprocidade]

Para Lakoff e Johnson, a metáfora da **CONTABILIDADE MORAL** tem como domínio-fonte **TRANSAÇÃO FINANCEIRA**, ou seja, possui sua própria moralidade: é moral pagar dívidas; é imoral não pagá-las.

Além disso, BEM ESTAR É PROSPERIDADE, logo o aumento de bem-estar representa um ganho, enquanto sua diminuição representa uma perda ou custo.

Dentre os **esquemas morais básicos** apresentados pelos autores, os esquemas da **reciprocidade** e o da **retribuição** são os que mais bem se aplicam à categoria RELIGIÃO. O esquema de **reciprocidade** está baseado em ações morais em que dar algo de valor é positivo, enquanto o contrário é uma ação imoral. Logo: Se fazem algo de bom para mim, fico em **débito**, mas se faço algo igualmente bom a quem me fez o bem, **pago de volta** e ficamos **quites**. Já no esquema moral da **retribuição**, a contabilidade é feita por uma autoridade legitimada. No caso específico dessa pesquisa, Deus é a autoridade legitimada que tem o poder de julgar, condenando ou absolvendo os pecadores. A título de exemplo, veja-se o seguinte fragmento: “[...] Entregai esse

negócio a Deus que é Juiz dos vivos e dos mortos e não lhe faltarão meios para humilhar o soberbo e levantar o humilde” (BRANDALISE, 1985, p. 46).

Outra metáfora de grande produtividade na análise da categoria RELIGIÃO é a metáfora da FORÇA MORAL. Trata-se de uma metáfora complexa cuja formulação exige, entre outras coisas, força para que se mantenha uma postura moral equilibrada o que acarreta, metaforicamente, SER BOM É ESTAR EQUILIBRADO; capacidade para superar as forças do mal que podem levar à perda de controle, levando à queda (perda de equilíbrio). A fraqueza moral é entendida como uma forma de imoralidade, já que a pessoa fraca realiza atos imorais, aderindo, dessa forma, às chamadas forças do mal.

Existem, de acordo com Lakoff e Johnson (1999), duas formas de força moral, uma ligada ao mal externo e outra ligada ao mal interno. Quando o mal é externo, a força moral que surge é a **coragem**. Essa força representa a superação do medo. Para o mal interno, a força que emana é a da **força de vontade**, que é aquela que resiste às tentações mundanas (raiva, luxúria, desejo).

Para a metáfora da **FORÇA MORAL**

SER CRISTÃO É SER BOM

SER PECADOR É SER MAU

FORÇA PARA RESISTIR AO MAL É VIRTUDE MORAL

Disso, surgem os seguintes acarretamentos:

Para permanecer bom em face do mal se deve ser moralmente forte.

Alguém que é moralmente fraco não enfrenta o mal e, eventualmente, comete maldades.

A AUTORIDADE MORAL também surge como uma rica fonte metafórica para a análise de RELIGIÃO. Segundo os autores, é dos princípios morais da família que surge o paternalismo. Dentro desse tipo de metáfora surgem duas versões de autoridade. A primeira é a Autoridade Legitimada, ou seja, o respeito é merecido, produto do agir cuidadoso, responsável e moral por parte dos pais. A segunda versão diz respeito à Autoridade Absoluta. Nela, a autoridade está baseada na obrigação moral, por parte das crianças, de obedecer e respeitar seus pais, unicamente pelo fato de serem seus pais.

UMA FIGURA DE AUTORIDADE É DEUS

UM AGENTE MORAL É O FIEL

MORAL É OBEDIÊNCIA

De acordo com os autores, surge, ainda, a metáfora da ORDEM MORAL, que é baseada na TEORIA POPULAR DA ORDEM NATURAL. Na perspectiva da ORDEM MORAL, o

maior e mais forte tende a dominar o mais fraco. Com base nisso:

DEUS TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE OS HOMENS

O PADRE TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE OS HOMENS

O HOMEM TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE A NATUREZA

A ESSÊNCIA MORAL, afirmam os autores, é a metáfora segundo a qual os vícios e as virtudes nascem com as pessoas e a soma de ambos resulta no caráter. Sendo assim, o caráter de uma pessoa poderá ser medido pelos seus atos. Ao mesmo tempo, sabendo-se o caráter de uma pessoa pode-se prever como agirá. Surge, também, a metáfora da PUREZA MORAL. Nesse caso emerge uma relação entre “pureza” e “limpeza” do que resulta a metáfora PUREZA É LIMPEZA, assim, tem-se a metáfora derivada MORALIDADE É LIMPEZA. Segundo Lakoff e Johnson (p. 307), “no domínio da moral, a pureza adquire um valor positivo – permanecer *puro* é uma coisa boa e desejável, enquanto ser *impuro* (por exemplo, ter pensamentos impuros) é visto como sendo mau”.²

Da relação existente entre a metáfora da PUREZA MORAL e a metáfora da ESSÊNCIA MORAL surge a questão da reabilitação moral, que significa a possibilidade de limpar o ato de alguém restaurando a pureza da vontade. É oportuno, para nosso estudo, o que Lakoff e Johnson (p. 308) nos lembram: “A doutrina do pecado original é a visão de que a essência moral humana é inerentemente corrompida e impura e que as pessoas, portanto, agirão imoralmente quando deixadas a seu próprio controle”³.

Os autores finalizam a teoria do *Sistema da Metáfora Moral* com a metáfora do CUIDADO (PROTEÇÃO) MORAL. Tal metáfora exige empatia, ou seja, é necessário que se saibam quais são as necessidades dos outros para que se possa cuidá-los. Lakoff e Johnson (1999) tomam como parâmetro a relação das crianças com seus pais. Nesse caso, as crianças têm direito à proteção, enquanto os pais têm o dever de provê-las e cuidá-las. Em decorrência dessa noção de cuidado/proteção, a noção de moralidade, calcada na família, é transferida para a sociedade por meio do seguinte mapeamento:

CUIDADO DA FAMÍLIA É CUIDADO MORAL

FAMÍLIA É COMUNIDADE

PAIS PROTETORES SÃO AGENTES MORAIS

CRIANÇAS SÃO PESSOAS QUE PRECISAM DE AJUDA

ATOS PROTETORES SÃO AÇÕES MORAIS

² “However, in the moral realm purity takes on a positive value – remaining *pure* is a good and desirable thing, while being *impure* (e.g., having impure thoughts) is seen as being bad.” (p. 307).

³ “The doctrine of original sin is the view that the human moral essence is inherently tainted and impure, and that people will therefore act immorally when left to their own devices.” (p. 308).

Para os autores, são várias as metáforas para moralidade, as quais se fazem presentes nas mais diversas culturas. Contudo, consideram como principal hipótese aquela que diz respeito a “modelos de família que ordenam as metáforas para moralidade numa perspectiva ética relativamente coerente, por meio das quais vivemos nossas vidas.” (p. 313).⁴

No intuito de corroborar tal hipótese, passam a investigar dois modelos de família que dão origem a orientações morais variadas, são eles: A MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO e A MORALIDADE DOS PAIS PROTETORES.

Com relação à MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO, afirmam que esta está baseada no modelo nuclear de família, segundo o qual o pai é o provedor e autoridade moral máxima, a quem cabe o poder de estabelecer as regras e governar a família. Por conseguinte, os demais membros da família devem acatar e obedecer tais regras. As regras, de maneira geral, são impostas através de punições e recompensas. Já o papel da mãe, nesse modelo, é o de cuidar dos filhos e da casa, aceitando e respeitando a autoridade do pai. Assim, as metáforas mais representativas desse modelo são: AUTORIDADE MORAL, FORÇA MORAL e ORDEM MORAL ficando submetidas a elas as metáforas da EMPATIA MORAL e da PROTEÇÃO MORAL. Na MORALIDADE DOS PAIS PROTETORES, respeito e obediência são adquiridos não pela punição e pelo medo, mas, ao contrário, são adquiridos pelo amor.

Exemplos desses dois modelos são frequentes no discurso da época (de 1875 à década de 1950) como se pode ver a seguir:

Exemplo da MORALIDADE DOS PAIS PROTETORES:

Mesmo os filhos, nascidos no Brasil, partilhavam da angústia paterna – como algo herdado com o sangue – e quando o sacerdote, o religioso, o missionário estivesse em seu meio, eles se sentiam tranqüilos e felizes. [...] Deus parecia mais próximo e bem mais benigno. [...]. (ZAGONEL, 1975, p. 66-67).

Exemplo da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO:

[...] O sacerdote gozava da mais alta consideração e suas palavras tinham, em geral, a persuasão da lei. [...]. (MANFROI, 1975, p. 157).

O sacerdote é, para o católico, o representante de Deus e, sendo PAI o modelo prototípico de Deus, fica evidente a questão da autoridade imposta e aceita pelos fiéis, o

⁴ “[...] it is models of family that order our metaphors for morality into relatively coherent ethical perspectives by which we live our lives.” (p. 313).

que confirma a teoria da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO. A título de exemplo:

[...] Além do mais, a fé simples e ingênua colocava o colono diante do sinal litúrgico como algo assim convencionado pelo próprio Deus e, por isso, intocável e imutável. (ZAGONEL, 1975, p. 57).

O respeito a DEUS-PAI advém, segundo Lakoff e Johnson, das experiências do homem em família, ou seja, metaforicamente, os pais exercem AUTORIDADE MORAL sobre os filhos, significando que o PAI manda, e os FILHOS obedecem, sem que haja qualquer tipo de questionamento sobre o que é imposto.

Lakoff e Johnson (1999) trabalham ainda com a metáfora da FAMÍLIA DO HOMEM. Tal metáfora teria dois modelos distintos para a moralidade humana: um que é baseado em alguma concepção de família, e outro que é baseado na moralidade da família. Ao pensar a moralidade em geral, a partir do conceito de FAMÍLIA, surge, segundo os autores, um mapeamento metafórico que leva a inferir que toda a humanidade é uma grande família, a família dos homens. Em consequência disso, o que se espera pela moral da obrigação é que todas as pessoas se tratem da mesma forma como tratariam os membros de sua família. Na relação entre as estruturas da moralidade humana e família se chega a:

FAMÍLIA É A HUMANIDADE
CADA CRIANÇA É CADA SER HUMANO
OUTRAS CRIANÇAS SÃO TODOS OS SERES HUMANOS
RELAÇÕES MORAIS DA FAMÍLIA SÃO RELAÇÕES MORAIS UNIVERSAIS
AUTORIDADE MORAL DA FAMÍLIA É AUTORIDADE MORAL UNIVERSAL
MORALIDADE DA FAMÍLIA É MORALIDADE UNIVERSAL
PROTEÇÃO DA FAMÍLIA É PROTEÇÃO MORAL UNIVERSAL

Dentre os candidatos a pai na *Família do Homem*, sugeridos pelos autores, aparece DEUS COMO PAI, que representa, na maioria das religiões, a figura de DEUS-PAI, o SER detentor do poder responsável pela ordem moral. De acordo com Lakoff e Johnson, a MORALIDADE DO PAI SEVERO fundamenta a tradição moral ocidental, pois a criação do mundo e a ordem moral que o rege advêm desse DEUS TODO PODEROSO, cabendo aos homens o dever de aprender e praticar as leis por ele impostas. Para isso, deve-se desenvolver a força moral como forma de enfrentar o MAL existente no mundo. A relevância em manter tal postura está no fato de que no dia do Juízo Final todos serão condenados ou absolvidos de acordo com seus atos morais.

Quanto a DEUS COMO PAI PROTETOR, os autores admitem ser o caso mais prototípico, intensificando a metáfora de DEUS COMO AMOR. Aqui, se revela um Deus amoroso e repleto de compaixão que não exige uma moralidade da obediência às suas leis.

Como último candidato à moral dos PAIS surge a sociedade como um todo, e esta passa a ser concebida como FAMÍLIA. Dessa forma, as normas sociais são estabelecidas a partir das NORMAS DA FAMÍLIA estando tudo isso ligado à metáfora do PAI SEVERO.

Dentre as teorias morais apresentadas por Lakoff e Johnson (1999), a teoria da ÉTICA CRISTÃ e a teoria da ÉTICA RACIONALISTA são, a nosso ver, as que melhor se ajustam ao estudo ora empreendido. Na ÉTICA CRISTÃ, Jesus é a manifestação maior do amor de Deus pelos homens, sacrificando, inclusive, sua vida em prol desse amor à humanidade. Nesse caso, fica clara a metáfora DEUS É AMOR, comprovando que o centro da moralidade está em desenvolver a *pureza de coração*, propiciando o surgimento de atos de amor mútuos. No que diz respeito à ÉTICA RACIONALISTA, esta aceita como verdadeira a moralidade do PAI SEVERO, isto porque há o entendimento de que as leis e o julgamento são produtos da racionalidade, logo a ela cabe o poder de comando, tanto para ditar as ordens, assim como para sentenciar.

Ligada à questão da religião, encontra-se toda uma relação de amor e temor a Deus, bem como uma dependência direta das figuras do padre leigo, do padre ministerial e da Igreja como instituição. Ao mesmo tempo, os rituais despontam como imprescindíveis para a conservação e manutenção da religiosidade do imigrante.

Muitos desses elementos da religião, citados por Burkert (1996), estão marcados na história do imigrante italiano, que era essencialmente católico. Havia uma necessidade premente de manutenção dos rituais sagrados (batizado, casamento, unção dos enfermos), da realização de sacrifícios (o santo sacrifício da missa) como forma de remissão dos pecados e da manutenção dos ensinamentos religiosos aos mais jovens através da catequese.

3 Rituais e Religião

Burkert (1996) sugere que a origem da religião pode ser mais antiga do que a forma de linguagem que conhecemos, podendo remontar a um determinado período da pré-história, possivelmente consequência de um ato competitivo. Tal consideração é levantada, devido à sua ligação com o ritual que exige padrões comportamentais fixos,

normalmente repetitivos e de extrema seriedade. A isso, acrescenta que “o ritual reflecte um estado de comunicação pré-verbal, a ser aprendido por imitação e a ser compreendido pela sua função.” (p. 33)

Nesse sentido, Burkert levanta um questionamento: “Como comprovar as pretensões, postulados e ameaças da religião?” (1996, p. 41). Esta resposta, de acordo com o autor, possivelmente possa ser encontrada na mensagem que é transmitida, nas circunstâncias de sua transmissão, bem como na organização especial do receptor. No que diz respeito à transmissão de mensagens, fala em ressonâncias, no sentido metafórico da palavra, aplicado ao ritual, esse que é um importante meio de comunicação religiosa. Logo, a transmissão religiosa se dá através do ritual e da linguagem por meio de repetições acrescidas, algumas vezes, de intimidações. Diz Burkert: “A transmissão da religião não ocorre sem ritual.” (p. 43). É por meio dos rituais, tendo como principais elementos a música e a dança, que as chamadas “representações coletivas”, termo cunhado por Durkheim ([1912] 1996), são repassadas.

Retomando a questão dos rituais, Burkert chama atenção para o fato de que os padrões ritualísticos do homem têm sua origem no que chama de paisagem biológica, ocasião em que o homem tem que lidar com situações, recorrentes no tempo e no espaço, de ansiedade e fuga.

Mas as representações nas religiões vão mais além, e Burkert chega então à produção de imagens, como uma nova categoria de signos, um ícone. Diferente do que se possa supor, não foram as imagens que geraram a veneração, mas sim os rituais religiosos, rituais de veneração. Os rituais têm por fim maior controlar o comportamento do corpo, este que se apresenta como elo entre o mundo mental e o ambiente natural. É a mente processando sua vontade no corpo.

Com base nessa afirmação de Burkert, somos levados a pensar no valor que as imagens de santos tinham para os imigrantes italianos, quando de sua vinda para o Brasil e de sua instalação nas novas terras. Não é incomum encontrarmos referências a isso como pode ser demonstrado no seguinte excerto de nosso *corpus*:

Se à noite a família se reunia para rezar; no fim de semana, as famílias se reuniam, ora na casa de um, ora na casa de outro e lá improvisavam um culto público diante de **uma imagem da Virgem ou de santo**, colocada sobre um toco de árvore derrubada ou sobre caixote armados sob uma árvore improvisada em templo. (ZAGONEL, 1975, p. 51) [grifo nosso].

Dentre os rituais da tradição cristã, o autor enfoca o batismo, ocasião em que afirma que: “O acto de tocar com o corpo na água continua a ser indispensável no ritual

cristão.” (p. 220).

O juramento surge, então, em sua obra, como forma de validação da linguagem: “Encontram-se juramentos em todos os povos e em todas as culturas. Eles são um símbolo fundamental da religião.” (p. 220). Jurar representa a impossibilidade de mentir sob qualquer aspecto ou para assumir uma obrigação. Dessa forma, reduz-se a complexidade, criando um mundo confiável, marcado por divisões claras entre o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, entre outros.

Burkert conclui dizendo que a religião atua como elemento apaziguador nas várias situações da vida, isso por meio de comportamentos ritualísticos e de interpretações culturais. Propõe ainda a existência de padrões biológicos ativados através da prática de rituais e de ensinamentos verbalizados.

Tudo isso revela o espírito de adoração, pois “‘Adorar’ significa exaltar os superiores, a quem nos curvamos numa atitude de veneração, e quanto mais alto eles forem elevados, menos somos constrangidos a diminuirmo-nos.” (p. 124). Logo, através de um jogo de palavras, é possível ao homem exaltar, sem ter que despender o mesmo esforço que empregaria numa ação ritualística, é o que Burkert chama de invenção do louvor. Por meio do louvor, cria-se uma inversão na estrutura de atenção, cabendo, nesse caso, ao ente superior prestar atenção ao canto ou louvor de quem está abaixo. Os louvores seriam, então, uma forma de aplacar o ente superior, detentor do poder de matar ou conceder a vida, levando-o ao desencorajamento de praticar atitudes hostis. Há também, de acordo com Burkert, as cantigas de louvor empregadas por muitas religiões como forma de propagar-se. Mas as representações nas religiões vão mais além, e Burkert chega então à produção de imagens, como uma nova categoria de signos, um ícone. Diferente do que se possa supor, não foram as imagens que geraram a veneração, mas sim os rituais religiosos, rituais de veneração. Os rituais têm por fim maior controlar o comportamento do corpo, este que se apresenta como elo de ligação entre o mundo mental e o ambiente natural. É a mente processando sua vontade no corpo.

De acordo com Durkheim ([1912] 1996), “não podemos chegar a compreender as religiões mais recentes a não ser acompanhando na história a maneira como elas progressivamente se compuseram.” (p. viii). Assim, para ele, a história é o único método de análise explicativa que se pode aplicar nesse campo. Para o autor, todas as religiões são passíveis de comparação, pois, em se considerando que todas pertençam a um mesmo gênero, é de se esperar que haja, entre elas, elementos em comum,

possibilitando, assim, que se intente examinar o que é religião em linhas gerais. Sendo assim, diz Durkheim:

Mas as semelhanças exteriores supõem outras, que são profundas. Na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos, deve necessariamente haver um certo número de **rituais** que, apesar da diversidade de formas que tanto umas como outras puderam revestir, têm sempre a mesma significação objetiva e desempenham por toda parte as mesmas funções. São esses elementos permanentes que constituem o que há de eterno e de humano na religião; eles são o conteúdo objetivo da idéia que se exprime quando se fala da religião em geral (1996, p. x) [grifo nosso].

Contudo, as crenças e os ritos, diz ele, não são experimentados da mesma forma. Esses são suscetíveis a diferenças, tais como do meio, das circunstâncias e dos homens, dificultando, dessa forma, que se estabeleça o que seria comum a todos.

Com relação ao pensamento religioso, esse sociólogo acredita que quanto mais ele avança na história, tanto mais difícil fica avaliá-lo, uma vez que no decorrer do tempo uma série de diferentes interpretações já o interceptaram e o deformaram. Além disso, sendo a religião uma instituição humana, torna-se igualmente inviável demarcar com precisão onde ela começa.

Ao prosseguir na busca pelos principais aspectos da religião, que é o que Durkheim persegue em suas reflexões, surge a questão da divindade. Tem-se aí um vínculo entre o espírito humano e o espírito divino, a quem se credita o poder sobre o mundo, bem como o poder sobre o homem. No entanto, não são apenas os espíritos divinos merecedores de ritos e, em alguns casos, de cultos regulares, muitas vezes enquadram-se nessa questão, as almas dos mortos, assim como de espíritos de toda ordem. A religião, para o autor, representa um todo indivisível e, nesse sentido, diz: “é um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias.” (p. 18). Com relação à classificação dos fenômenos religiosos, destaca duas das principais categorias que são: as crenças e os ritos. Com suas palavras: “As primeiras são estados de opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados.” (p. 19).

O que diferencia os ritos das demais práticas humanas é o seu objeto, pois, nos dois casos, a maneira prescrita de agir dependerá do gênero do objeto a que se dirige. Assim, torna-se necessário que se caracterize o objeto para que se possa caracterizar o rito. Definido o rito, ter-se-á definida a crença.

De fato, a categoria RITUAIS, a nosso ver, metonimicamente representa de forma experiencial a categoria RELIGIÃO no próprio discurso do imigrante italiano, revelando

assim seu sistema de crenças.

Nesse sentido, encontra-se em Eliade ([1912] 1992) um estudo que foca essa questão da necessidade do homem de instituir a heterogeneidade do mundo através do estabelecimento do espaço e do tempo sagrado e profano. Assim, as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas atuam como representações da natureza das coisas sagradas. Há, também, dentro da classificação das coisas sagradas árvores, pedras, ou qualquer outro objeto. Nesse âmbito, incluem-se os ritos, uma vez que só podem acontecer por intermédio de alguém consagrado, ou seja, as palavras e gestos que os compõem não podem ser executados por qualquer pessoa, é necessário que este alguém esteja imbuído desses poderes.

O homem, por sua vez, é representado em condição de inferioridade quando posto em relação ao mundo das coisas sagradas. Isso, contudo, não significa que se possa definir por meio da subordinação o que é sagrado. Dessa forma, têm-se dois mundos distintos que abarcam tudo o que existe no mundo, mas que, ao mesmo tempo, são excludentes. Complementando, diz Durkheim: “As coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras.” ([1912] 1996, p. 24). Em suma, os ritos aparecem como sendo a forma apropriada do homem comportar-se frente às coisas sagradas.

Voltando à questão dos rituais, Durkheim faz referência aos ritos de iniciação praticados por vários povos. Seria algo como a passagem do mundo puramente profano, mundo em que o homem viveu sua infância, para o mundo das coisas sagradas.

Na religião católica, foco de nossa análise, isso pode ser representado pela catequese, que foi e é um dos principais rituais praticados pelo imigrante italiano e seus descendentes. Um exemplo disso pode ser visto no seguinte texto que compõe o *corpus* original deste estudo:

O catecismo era ensinado por José Dall’Agnol, Strapazzon, a velha Nalin, eram diversos. Havia também o Antônio, chamado Antonião, o pai do Desidério. Ensinavam um ano cada um. Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. Eu sei de cor. Diziam: “Sois vós cristãos?” – Sim, eu sou cristão pela graça de Deus. “E que significa ser cristão? – Ser cristão significa, ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo...” (disse quase todo o catecismo de cor e está gravado) (BATTISTEL, 1982, p. 426).

Pode-se inferir, de acordo com a afirmação de Eliade ([1912] 1992), que basta um sinal que introduza significação religiosa para que seja posto um ponto final na

relatividade, na confusão e, caso esse sinal não ocorra espontaneamente, o homem o provocará, a fim de que se possa escolher, entre outras coisas, o lugar para a construção de um santuário. É dessa forma que o homem religioso recebe a revelação de um lugar sagrado. Isso tudo prova que “o homem religioso só consegue viver numa atmosfera impregnada do sagrado”. (p. 31). Este, em função de sua necessidade de viver em um espaço sagrado, cria técnicas de orientação, ou seja, técnicas de construção de um espaço sagrado. Na verdade, quando o homem busca recriar tal espaço, o faz por meio de um **ritual**, na tentativa de reproduzir a obra dos deuses. Assim, torna-se imperioso, para o homem religioso, a **construção de espaços sagrados por meio de rituais**.

Por essa afirmação, constata-se que a hipótese que orienta este estudo, ou seja, a de que o modelo metonímico RITUAIS, na análise semântico-cognitiva, organize prototipicamente a categoria RELIGIÃO, pode ser corroborada através da análise do *corpus* constituído. Nessa direção, a Semântica Cognitiva, fundamento deste trabalho, revela-se como campo de investigações com múltiplas interfaces disciplinares.

É central, aqui, a pergunta: Como o homem religioso faz a transição entre o tempo profano e o sagrado? Segundo Eliade, a resposta é: por meio dos **ritos**. O tempo sagrado é um tempo mítico que se torna presente e é através das festas religiosas, o chamado Tempo litúrgico, que eventos sagrados do passado são atualizados no presente. Nesse momento, o homem religioso atravessa o Tempo profano atingindo o Tempo mítico. Sendo assim, o tempo sagrado torna-se ilimitadamente repetível, ou seja, a cada ano em que se repete uma festa, “reencontra-se na festa a primeira aparição do Tempo sagrado, tal qual ela se efetuou *ab origine, in illo tempore*.” (p. 64). O homem religioso busca, através da **linguagem dos ritos**, retornar a um Tempo sagrado, podendo fugir, assim, daquilo a que Eliade chama de presente histórico. Como exemplo desse tempo litúrgico, destacam-se os seguintes fragmentos que compõe o *corpus* original de análise: “os imigrantes procuravam organizar o culto dominical recordando, o quanto possível, o culto celebrado na longínqua igreja natal. A missa, as bênçãos, as devoções, as cerimônias... tudo de acordo com o tempo litúrgico” (ZAGONEL 1975, p. 54), assim como:

A religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS era, necessariamente e essencialmente, ritualista. Isso não exclui a prática das virtudes cristãs que, como veremos, eram parte integrante da organização comunitária das capelas. Mas o conteúdo principal de sua religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de

distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo (MANFROI, 1975, p. 185).

Metonimicamente, os RITUAIS⁵ CONDUZEM a DEUS e são organizados através da metáfora do CAMINHO EM DIREÇÃO A DEUS. Como exemplos de rituais citam-se: a missa, o catecismo⁶, a bênção da água e a oração. Esses rituais são organizados na forma de um *script*.⁷

MISSA, por exemplo, tem a seguinte forma de organização/*script*:

(1) RITOS INICIAIS: Entrada, Saudação do altar, Ato penitencial, Glória *in excelsis*, oração colecta.

(2) LITURGIA DA PALAVRA: Salmo responsorial, Aclamação antes da leitura do Evangelho, Homilia, Profissão de fé, Oração universal.

(3) LITURGIA EUCARÍSTICA: Preparação dos dons, Oração sobre os oblatos, Oração Eucarística, Rito da comunhão, Oração dominical, Rito da paz, Comunhão.

(4) RITO DE CONCLUSÃO.

A ORAÇÃO, como ritual, está ligada metonimicamente ao TERÇO, que tem como *script*:

Faça o Sinal da Cruz e reze o Creio.

1. Reze a oração do "Pai-Nosso".
2. Reze Três "Ave-Marias".
3. Reze o "Glória ao Pai".
4. Anuncie o Primeiro Mistério; reze, então, o "Pai Nosso"; em seguida reze dez "Ave-Marias", enquanto medita sobre o mistério.

⁵ Exemplo: "A religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS era, necessariamente e essencialmente, ritualista. Isso não exclui a prática das virtudes cristãs que, como veremos, eram parte integrante da organização comunitária das capelas. Mas o conteúdo principal de sua religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo" (MANFROI, 1975, p. 185).

⁶ Exemplo: "A religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS era, necessariamente e essencialmente, ritualista. Isso não exclui a prática das virtudes cristãs que, como veremos, eram parte integrante da organização comunitária das capelas. Mas o conteúdo principal de sua religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo" (MANFROI, 1975, p. 185).

⁷ *Scripts* e *frames* são modelos proposicionais que estruturam, em um formato específico em cada caso, o conhecimento humano advindo de experiências socioculturais recorrentes, diretas ou indiretas, na relação com o mundo. *Scripts* e *frames* são armazenados na memória de longo prazo e têm papel fundamental nos processos de compreensão e de geração de inferências e predições. Essas estruturas são dinamicamente modificadas à medida que novas experiências consolidam ou modificam nossos conhecimentos. Um *script* é uma cadeia de inferências pré-organizadas, numa sequência de conceptualizações, algumas vezes de forma hierárquica, relativa a uma situação de rotina específica (ou evento). Já um *frame* (termo traduzido como 'moldura' ou 'enquadre') é uma espécie de esqueleto, como um molde com lacunas a serem preenchidas (seus elementos). Seus elementos, em geral, estão relacionados de forma associativa e não estão organizados na forma de algum padrão mais rigoroso.

5. Reze o "Glória ao Pai".
6. Depois de cada, dezena reze a seguinte oração pedida pela Virgem Maria em Fátima: "O Meu Jesus, perdoai-nos os nossos pecados, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu e socorrei principalmente as que mais precisarem da tua misericórdia".
7. Anuncie o Segundo Mistério: diga, então, o Pai Nosso. Continue com o Terceiro, Quarto e Quinto Mistérios da mesma maneira.
8. Reze a "Salve Rainha" depois que terminar as cinco dezenas.

4 RITUAIS: análise do *corpus*⁸

Para a composição do *corpus*, foi necessário realizar um recorte enunciativo da documentação, bem como categorizar as diferentes fontes, tais como entrevistas, documentação com dados de informantes, obras com resultados de pesquisa histórica, sociológica e antropológica. Tais recortes enunciativos atentam para a heterogeneidade das fontes e destacam as características dos discursos-fonte.⁹ A categorização se faz necessária, visto que visa dar conta dos diferentes olhares e lugares de fala sobre a questão da religião, o que colabora na busca da reconstrução dos modelos cognitivo-culturais que organizam a categoria conceitual RELIGIÃO.

As fontes documentais estão categorizadas da seguinte forma: **Categoria 1 (C1)** – Livros de história sobre a imigração italiana; **Categoria 2 (C2)** – Livros sobre histórias de família/memórias; **Categoria 3 (C3)** – Recortes de pesquisa historiográfica e sociológica com entrevistas; **Categoria 4 (C4)** – Pesquisa antropológica – um estudo de caso; **Categoria 5 (C5)** – Entrevistas.

Outra questão relevante a ser considerada é o cuidado que se deve ter na seleção e análise do *corpus*, uma vez que os discursos a que se tem acesso são, muitas vezes, indiretos ou híbridos, baseando-se em relatos de memórias de descendentes de italianos das antigas colônias.

Em geral, tal documentação é oriunda de clérigos, historiadores e pesquisadores, contando também com algumas cartas e registros de memórias. Há que se considerar que, em função de tratar-se de um estudo sobre a categoria RELIGIÃO, muitos desses

⁸ A seleção das fontes para constituição do *corpus* ficou restrita a fontes documentais, uma vez que o período que compreende essa análise (1875 à década de 1950) dificulta muitas vezes que se tenha acesso direto aos informantes. A região de investigação compreende a Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. Tendo em vista a diversidade de fontes documentais consultadas para compor o *corpus*, tornou-se necessário categorizá-las, bem como criar um sistema de notações.

⁹ Um sistema de notações foi criado como forma de remissão às fontes que compõem o *corpus*. Esse sistema na íntegra, com sua descrição e explicação, encontra-se em Granzotto (2007). Tenha-se como orientação: [C1, AB, S1], em que [C1= Categoria 1 das fontes documentais; AB= Iniciais dos autores da fonte; S1: Segmento 1 de análise.]

documentos estão calcados na ideologia católica, que era a religião predominante na época em questão.

A seguir são analisados alguns dos fragmentos mais representativos.¹⁰

1

“[...]”

“[...]” “[a) Os imigrantes italianos tinham boa formação cristã, expressa pelas práticas religiosas e pela fé viva]. Em cada comunidade, [(b) o padre gozava de particular estima. Era tratado como representante de Deus. A hierarquia era sagrada]. [(c) O povo era profundamente devoto. Diz-nos a imigrante Amália Antonello Paliossa que, ao trabalhar na tecelagem de fios de seda, rezavam o terço e várias outras orações durante o trabalho. Voltando para casa, à noite, rezavam outro terço em família.] [...]” (BATTISTEL, 1981, p. 18) [C1, AB, S1]

(1a) “Os imigrantes italianos tinham *boa formação cristã, expressa pelas práticas religiosas e pela fé viva.*”

Em (1a), diz-se que a boa formação cristã do imigrante italiano é expressa pelas práticas religiosas. Assim, pode-se dizer que praticar a religião é um modo de preservá-la, e tais práticas implicam em que rituais sejam realizados, pois, deve-se mencionar, quando o imigrante iniciou sua instalação em novas terras, o único modelo de religião que tinha era aquele que havia aprendido, sob a forma de rituais, em sua terra natal. Essa relação com as práticas religiosas reforça a hipótese inicialmente formulada de que o conceito de RELIGIÃO é representado por um modelo RITUALISTA, que é transmitido culturalmente. As práticas religiosas representam o exercício constante dos ritos (missa, catecismo, reza do terço, etc.) e os ritos, pelo esquema de LIGAÇÃO, visam a garantir a conexão entre o homem e Deus. Por metonímia pode-se inferir que:

BOA FORMAÇÃO CRISTÃ É REPRESENTADA POR PRÁTICAS RELIGIOSAS

RELIGIÃO SE EXPRESSA POR PRÁTICAS RELIGIOSAS

Se:

A REZA DO TERÇO É UMA PRÁTICA RELIGIOSA, entendendo-se que a reza do terço é um exemplo das práticas religiosas do imigrante italiano,

então:

REZAR O TERÇO É SER RELIGIOSO

Dessa forma:

RELIGIÃO É DEPENDENTE DOS RITUAIS

A RELIGIÃO TEM UMA ESSÊNCIA RITUALÍSTICA

¹⁰ Neste artigo, mantém-se a numeração dos fragmentos originais, tal como se apresentam no *corpus* analisado em Granzotto (2007).

Além disso, metonimicamente, FÉ pode ser entendida da seguinte maneira:

VIDA É ATIVIDADE

A FÉ É ATIVA

FÉ ATIVA É A FÉ PRATICADA (SÃO AS PRÁTICAS RITUALÍSTICAS)

Assim:

VIDA É ENERGIA FÍSICA/ATIVIDADE

FÉ VIVA É FONTE DE VIDA, DE ENERGIA, em que:

VIDA-ATIVIDADE [Domínio-fonte] projeta-se metaforicamente para FÉ [Domínio-alvo].

“A oração da noite: o Terço [Subtítulo]

5

“[(a) Nos primórdios da imigração, todas as famílias rezavam o Terço, à noite. Era rezado da mesma forma em todas as famílias.] As orações antes e depois do terço variavam. A família do Albino Bolzan (Ibiraiaras), costumava rezar antes do Terço o Ato de Fé, Esperança e Caridade; só depois começava o Terço. As famílias de Domingos Battistel e de Agenor Boareto (Nova Prata) começavam com o Creio. Após o Terço, cada família e cada comunidade rezava por intenções especiais. [(b)As devoções mais comuns eram as seguintes: um Pai Nosso, uma Ave-Maria e um Glória ao Pai, ao padroeiro da capela. Uma oração às almas do purgatório. Oração à Nossa Senhora, a Santo Antônio e, no fim, o Bendito Seja Deus. Várias intenções eram intercaladas, tais como: Oração a São Paulo, para pedir a proteção contra picadas de cobras; a Santa Bárbara, para pedir a proteção contra as intempéries; oração pelas vocações, a São Brás, a Santo Antônio Abade, a Santa Ana...”. (BATTISTEL, 1981, p. 22) [C1, AB, S5]

(5a) “Nos primórdios da imigração, todas as famílias rezavam o Terço, à noite. Era rezado da mesma forma em todas as famílias.”

O recorte (5a) descreve como as famílias rezavam o terço à noite e como organizavam suas orações e em intenção de quem rezavam. A reza do terço parece ser um dos RITUAIS mais praticados pelo imigrante e seus descendentes, possivelmente, por ser o mais facilmente realizável, contudo, a reza do terço, nesse caso, exigia dentro do *script* proposto, que toda família estivesse reunida. Expressões como: *as famílias rezavam o Terço à noite e era rezado da mesma forma em todas as famílias* revelam a presença do modelo proposicional *script*, isso porque rezá-lo à noite e sempre da mesma forma, indica que havia uma cadeia de inferência pré-organizada que dizia respeito a uma situação rotineira específica. Uma possível seqüência, nesse caso, é a seguinte:

MODELO DE *SCRIPT*

LOCAL → EM CASA

TEMPO→ À NOITE

AGENTE [COLETIVO] → A FAMÍLIA

ATO→ REZA DO TERÇO

9

“No início desta pesquisa, foi difícil imaginar [(a) a fé viva, profunda e inabalável dos imigrantes] quando chegaram no Brasil. Hoje, com a mente secularizada, sociologizada e crítica, não se entende facilmente a fé simples e firme dos antepassados. Às vezes, [(b) os imigrantes e descendentes] construíram igrejas bonitas e faustosas, por concorrência entre uma comunidade e outra. Mas não era este o motivo principal. Construíram igrejas grandes e bonitas por achar que assim melhor louvariam a Deus. Era uma homenagem a Deus construir-lhe uma casa digna. Enfim, foi por causa da sua fé viva que construíram tantas igrejas.] A mera rivalidade não justificaria o ânimo dos primeiros habitantes a fazerem tantos sacrifícios para construir a sua igreja. Embora poucos os recursos, procuravam o melhor para o culto. ‘Al Signore se ghê dá el meio che se pôl’, a Deus dá-se o melhor possível.” (BATTISTEL, 1981, p. 40-41) [C1, AB, S11]

(9b) “[...] os imigrantes e descendentes [...] Construíram igrejas grandes e bonitas por achar que assim melhor louvariam a Deus. Era uma homenagem a Deus construir-lhe uma casa digna. Enfim, foi por causa da sua fé viva que construíram tantas igrejas.”

A preocupação com a construção de igrejas, em construir uma casa mais digna para Deus, em nosso ponto de vista, revela, de acordo com o que diz Eliade, um simbolismo cosmológico: está ligada à fundação do espaço sagrado. Contudo, neste recorte, surge um elemento novo, que é a questão do louvor. Retomando, Burkert destaca o jogo de palavras criado pelo homem para exaltar um ente superior, a que chama de louvor. O louvor teria sido a maneira encontrada pelo homem para adorar a Deus de uma forma menos dispendiosa do que a ação ritualística. Além disso, por meio do louvor há uma inversão na estrutura da atenção, ou seja, nesse caso, cabe ao ente superior prestar atenção no louvor que vem de baixo. Além disso, pode-se inferir que, para o imigrante italiano, GRANDES CONSTRUÇÕES LEVAM A GANHAR CRÉDITOS COM DEUS [CONTABILIDADE MORAL]. Logo, proporcionando BEM-ESTAR a Deus, aumentam-se as chances de prosperidade, pois se garante CRÉDITO MORAL. Tem-se, ainda, metonimicamente:

GRANDES CONSTRUÇÕES LEVAM A MAIS LOUVOR

MAIS LOUVOR LEVA A MAIS CRÉDITO

14

“[...] [(a) Catequese e vida eram uma coisa só. No catecismo estava a

verdade, por isto devia ser aprendida e praticada.] [(b) Quem fosse fiel iria para o céu. O pecador iria para o inferno eternamente, onde havia fogo e demônios com chifres, rabo, forcados, torturando os condenados.] È por isso que ao entrevistar varias pessoas de 80, 90 anos perguntou-se: O senhor ou a senhora tem medo da morte? – ‘Eu não. Eu rezo para que Deus venha buscar-me.’ [(c) Quer dizer, eles têm certeza que uma vez cumpridos os deveres cristãos, eles irão para o céu.”]. (BATTISTEL, 1981, p. 63) [C1, AB, S19]

(14a) “Catequese e vida eram uma coisa só. No catecismo estava a verdade, por isto devia ser aprendida e praticada.”

Este recorte ratifica a preocupação dos imigrantes na manutenção das práticas da religião. Assim, a catequese parecia ser o veículo apropriado para perpetuar os ensinamentos da fé cristã. Essa constatação confirma nossa proposição de que a CATEQUESE seria uma de suas práticas ritualísticas mais importantes. Isso nos leva, num primeiro momento, ao esquema de LIGAÇÃO. Lembrando que, segundo Lakoff, esse esquema começa a ser formado a partir da ligação mãe-filho, estendendo-se por todas as demais fases da vida, por meio de diferentes e novas conexões, garantindo a manutenção da relação entre ambas as partes, pode-se inferir que CATECISMO e VIDA também estabeleçam essa relação na concepção de RELIGIÃO e FÉ dos imigrantes. Quando, em seu discurso, o imigrante faz a seguinte referência: “no catecismo está a verdade” nos leva, metonimicamente, a:

NO ENSINAMENTO DO CATECISMO ESTÁ A VERDADE [parte pelo todo]

CATEQUESE É VIDA

Logo:

APRENDER O CATECISMO É CONHECER A VERDADE

PRATICAR O CATECISMO É VIVER A VERDADE

(14b) “Quem fosse fiel iria para o céu. O pecador iria para o inferno eternamente, onde havia fogo e demônios com chifres, rabo, forcados, torturando os condenados.”

O imigrante italiano demonstrava ter grande preocupação com a vida após a morte, por isso suas orações e práticas ritualísticas buscavam justamente garantir o bem-estar na vida eterna. Ser FIEL, então, conduz à metáfora da CONTABILIDADE MORAL, mais especificamente, ao esquema moral básico da RETRIBUIÇÃO, ou seja, para essa metáfora a contabilidade é feita por uma autoridade legitimada; nesse caso, Deus. Dessa forma, no caso do pecador, a contabilidade feita por Deus, que é a autoridade

legitimada, é que o condenará ao inferno, em função de seus débitos. Assim, surge a figura de DEUS-JUIZ que por meio do esquema moral da EQUIDADE pratica a justiça e, de acordo com a metáfora da CONTABILIDADE MORAL, faz o acerto de contas (os livros contábeis da moralidade são, então, equilibrados). O discurso revela a relação metafórica existente entre DEUS-JUIZ e PECADOR, ou seja, há um DEUS que imbuído do papel de JUIZ julga e condena o PECADOR que está por um RÉU. DEUS-JUIZ, de acordo com a estrutura radial proposta, é uma projeção metafórica de PAI AUTORIDADE e PAI AUTORIDADE nos conduz à metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO.

A análise sugere os seguintes mapeamentos metafóricos:

IR PARA O CEÚ É BEM-ESTAR

BEM-ESTAR É PARA CIMA

IR PARA O INFERNO É PUNIÇÃO

PUNIÇÃO É PARA BAIXO

Além disso:

SER FIEL É TER MAIS VIRTUDES

TER VIRTUDES É SER MAIS MORAL

SER MAIS MORAL TEM COMO RECOMPENSA O CEÚ

O CEÚ É PARA CIMA

RECOMPENSA É PARA CIMA

O FIEL VAI PARA CIMA

O PECADO É QUEDA

O INFERNO É PARA BAIXO

O INFERNO É PUNIÇÃO

PUNIÇÃO É PARA BAIXO

E, pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL:

O BEM É RECOMPENSADO

O MAL É PUNIDO

ESTAR EM DÉBITO GERA PUNIÇÃO [DÉBITO]

(14c) “*Quer dizer, eles têm certeza que uma vez cumpridos os deveres cristãos, eles irão para o céu.”*

Em (14c), cumprir com os deveres de cristão significa a garantia da vida eterna na casa de Deus, que é o Céu. De acordo com Eliade, é por meio de símbolos e rituais que o homem pode, simbolicamente, chegar ao Céu. Nesse caso, metonimicamente, o CATECISMO LEVA PARA O CEÚ, confirmando o esquema de LIGAÇÃO analisado em (14a). Metaforicamente, ESTAR COM A CONTABILIDADE MORAL EM DIA, ou seja, ESTAR COM

OS DEVERES CRISTÃOS CUMPRIDOS É ESTAR COM AS CONTAS AJUSTADAS.

Assim, por mapeamentos metafóricos:

PAGAR AS DÍVIDAS É BOM

PAGAR AS DÍVIDAS É PARA CIMA

Pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL:

PAGAR AS DÍVIDAS É MORAL

MANTER-SE EM DIA COM OS DÉBITOS GERA UMA RECOMPENSA, A VIDA ETERNA
NO CEÚ AO LADO DE DEUS

30

“Criou-se, assim, um clima de cristandade, onde [(a) a participação maciça dos fiéis nas cerimônias da vida religiosa, a freqüência aos sacramentos e a internalização de um código de ética católica faziam recordar os períodos áureos da Igreja medieval.] Num clima como este, [(b) os valores religiosos e sua expressão normativa tendem a tornar-se valores sociais, ou melhor, estes se legitimam através dos valores e normas sagrados.] E para a consolidação e manutenção destas estruturas, montou-se todo um esquema, que ia desde a capela e a paróquia, até as escolas religiosas, o jornal católico, as missões populares, as aulas de catecismo e [(c) a severa vigilância exercida pelo confessor”]. (DE BONI, 1980, p. 242) [C1, LB, S4]

(30c) “[...] a severa vigilância exercida pelo confessor”

Essa ‘severa vigilância’ revela o papel exercido pelo sacerdote como representante de Deus, intensificando a figura do PAI SEVERO que, dentro da ética racionalista proposta por Lakoff e Johnson, enfatiza esse papel de severidade, uma vez que a racionalidade dita as leis ao mesmo tempo em que julga.

Além disso, a confissão, entendida como um dos rituais católicos, seria uma das instâncias em que o poder exercido pelo PAI SEVERO se manifestaria.

Pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL:

VIGILÂNCIA ÀS REGRAS É UM DEVER

SUBMETER-SE À VIGILÂNCIA DA RELIGIÃO É UM DEVER

Pela metáfora da FORÇA MORAL:

RESPEITAR AS REGRAS É SER BOM

TER CORAGEM PARA RECONHECER-SE PECADOR E REDIMIR-SE É UM ATO DE
CORAGEM QUE REVELA A SUPERACÃO DO MEDO

Logo:

CONFESSAR-SE É UM ATO DE FORÇA

CONFESSAR-SE É UM ATO DE CORAGEM

De acordo com Burkert, o homem, fazendo uso da linguagem, demonstra sua

condição de submissão através da confissão dos pecados, sendo que tal ato carrega implícito um pacto existente entre o punidor e o punido.

48

“[...]”
“[(a) A catequese consistia em decorar fórmulas do catecismo, aprender as orações principais do devocionário] (Ave-Maria, Pai Nosso, Creio, Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, Atos de Fé, de Esperança, de Caridade e de Contrição, a oração ao Anjo da Guarda, a oração da Encomendação da alma na hora da agonia, etc..).” (ZAGONEL, 1975, p. 59)
[C1, CZ, S14]

(48a) “A catequese consistia em decorar fórmulas do catecismo, aprender as orações principais do devocionário [...].”

Assim como demonstrado na análise da estrutura radial hipotética, este enunciado confirma a importância do catecismo na vida religiosa do imigrante e de seus descendentes. É através dele que os elementos fundamentais e essenciais da fé cristã são revelados, servindo de orientação para o católico comprometido com a fé.

CATEQUESE está inserida no modelo RITUAIS. Sua organização se dá pelo modelo proposicional *script*. Além disso, CATEQUESE revela possuir valor moral, o que leva à metáfora da FORÇA MORAL, ou seja, decorar fórmulas do catecismo, aprender as principais orações é uma maneira de manter-se equilibrado, reto, capaz de resistir às forças do mal. Logo, se:

SER MORAL É TER RETIDÃO

então:

APRENDER O CATECISMO É ADQUIRIR FORÇA MORAL

APRENDER O CATECISMO É SER RETO

SER RETO É SER BOM

“Aculturação, Contatos

66

“[...]”
“[(a) Na diocese há uma devoção oficial, antiga, a Nossa Sr^a de Caravaggio; romaria anual reúne 70.000 a 80.000 pessoas no santuário. São 60-70 padres confessando ou 1 dando comunhão por ocasião da festa em maio; muita gente faz romaria a pé e lá faz a páscoa.] Muitos ex-votos.” (AZEVEDO, 1994, p. 38-39). [C3, TA, S4]

(66a) “Na diocese há uma devoção oficial, antiga, a Nossa Sr^a de Caravaggio; romaria anual reúne 70.000 a 80.000 pessoas no santuário. São 60-70 padres confessando ou 1 dando comunhão por ocasião da festa em maio; muita gente faz

romaria a pé e lá faz a páscoa.”

Este recorte sintetiza a relação do imigrante italiano com a devoção a Nossa Sra. de Caravaggio, bem como demonstra toda a preocupação em manter-se em dia com suas obrigações para com a Igreja, confirmando a influência da metáfora da CONTABILIDADE MORAL. Assim, como forma de pagar os DÉBITOS contraídos com a Santa, bem como de adquirir CRÉDITOS futuros, é realizada toda uma série de RITUAIS, a fim de equilibrar as contas. Dessa forma, o fiel sacrifica-se em romaria a pé, confessa seus pecados e comunga.

Novamente, confirmando o que é afirmado por Burkert, surge a questão da culpa que, por meio da linguagem, é exposta pelo homem mediante a confissão dos pecados, momento em que reconhece sua condição de submissão perante Deus.

Pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL:

IR EM ROMARIA AO SANTUÁRIO É PAGAR DÍVIDAS

IR EM ROMARIA AO SANTUÁRIO REVERTE EM CRÉDITO

CONFESSAR-SE É RECONHECER AS DÍVIDAS

COMUNGAR É PAGAR AS DÍVIDAS E ADQUIRIR CRÉDITO

“422.

“Pe. Nebridio

71

“Lavoura, Religião

“[(a) A bênção das lavouras – quando não se faz, os colonos ficam brabos, porque dizem que sem isso não têm boas safras. Faz-se em cada um dos dias das Rogações (segunda, terça e quartas-feiras antes da Ascensão). Em cada dia se faz a bênção numa direção, caminhando uns 2 quilômetros.

“1º Reúnem-se os colonos na igreja e começa-se a rezar a Ladainha de Todos os Santos;

“2º Sai-se em procissão rezando a mesma ladainha; o padre dá a bênção;

“3º Voltam todos à igreja para ouvir a missa.”] (AZEVEDO, 1994, p. 206).

[C3, TA, S21]

(71a) “A bênção das lavouras – quando não se faz, os colonos ficam brabos, porque dizem que sem isso não têm boas safras. Faz-se em cada um dos dias das Rogações (segunda, terça e quartas-feiras antes da Ascensão). Em cada dia se faz a bênção numa direção, caminhando uns 2 quilômetros.

1º Reúnem-se os colonos na igreja e começa-se a rezar a Ladainha de Todos os Santos;

2º Sai-se em procissão rezando a mesma ladainha; o padre dá a bênção;

3º Voltam todos à igreja para ouvir a missa.”

A questão das bênçãos, enfocada neste recorte, reitera a necessidade ritualística

do imigrante italiano como forma de garantir sua comunicação com Deus e o consequente recebimento de benefícios. Nesse caso, metonimicamente, AS BÊNÇÃOS GARANTEM BOAS SAFRAS. Além disso, percebe-se, pelo discurso, que as bênçãos também são regidas pelo modelo proposicional *script*, aqui representado da seguinte maneira:

MODELO *SCRIPT*

LOCAL→ LAVOURAS

TEMPO→ A CADA DIA DA SEMANA

AGENTE→ O PADRE

ATO→ A BÊNÇÃO

De acordo com Durkheim, para o homem, os ritos são a forma mais apropriada de comportar-se diante das coisas sagradas, a partir do que se pode inferir que a realização dos ritos, para o imigrante italiano, proporcionaria a conquista de bênçãos.

“564.

72

“Religião

“[(a) Em Conceição, como em outros pontos da colônia, há um cruzeiro na frente da igreja com os dizeres ‘Salva a tua alma’”]. (AZEVEDO, 1994, p. 241). [C3, TA, S24]

(72a) “Em Conceição, como em outros pontos da colônia, há um cruzeiro na frente da igreja com os dizeres ‘Salva a tua alma’.”

A busca pela salvação da alma expõe a preocupação maior do imigrante italiano que era conquistar a vida eterna. Como já visto no decorrer das análises, o imigrante preocupava-se com seu bem-estar e de sua família, tanto da vida terrena, como depois de sua morte. Uma vez que, de acordo com o enunciado, a inscrição “Salva tua Alma” estava localizada em frente à igreja, pode-se inferir que esta era uma forma do imigrante lembrar que a salvação passava pela igreja, e por estar ligada à igreja passava também pela prática dos sacramentos, dos rituais, enfim de tudo que dissesse respeito à doutrina da Igreja.

A salvação da alma carrega a ideia de VIDA ETERNA, conseqüentemente, de bem-estar. Bem-estar, por sua vez, revela a influência do *Sistema da Metáfora Moral*, ou seja, partindo-se da ideia proposta por Lakoff e Johnson de que os domínios-fonte das metáforas da moralidade sejam oriundos do que as pessoas entendem como algo que contribui para o seu bem-estar, a SALVAÇÃO, nesse caso, representaria a conquista de

bem-estar na vida eterna. Dessa forma, metaforicamente:

SALVAÇÃO É BEM-ESTAR

VIDA ETERNA É BEM-ESTAR

78

“[(a) A autoridade religiosa do sacerdote era parecida com a autoridade e o poder de Deus, com capacidade de abençoar e de condenar.] [(b) O ministro, através das aplicações dos ritos sacramentais, representava a certeza da salvação.] [(c) Se alguém falecesse sem assistência religiosa, causaria grande preocupação aos familiares.] [(a) Ao ministro religioso era atribuído o poder de condenar ou de salvar, próprio de Deus.] Por exemplo, o baile era considerado pecado se realizado sem licença do sacerdote. Com a licença do padre, deixava de ser pecado (!) [(a) Era o pensar e a decisão do padre que determinava a moralidade da ação.]” (BATTISTEL, 1982, p. 50). [C4, AB, v.1, S3]

(78b) “O ministro, através das aplicações dos ritos sacramentais, representava a certeza da salvação.”

De acordo com Durkheim, a realização dos ritos requer que sejam conduzidos por alguém consagrado uma vez que as palavras, os gestos que os compõem, não podem ser executados por pessoas comuns, logo, só quem está imbuído de tais poderes os pode comandar. Assim, os ritos comandados pelos ministros tinham o poder de salvar, pois que vinham de alguém marcado por esses poderes. Os RITOS, metonimicamente, conduzem à SALVAÇÃO.

Metaforicamente:

RITOS SÃO VEÍCULOS

Dessa forma, o PADRE, por meio dos RITOS estabelece conexão com DEUS e garante a salvação dos homens, para tanto faz uso dos poderes a ele atribuídos de condenar ou perdoar, revelando a existência do esquema ORIGEM-PERCURSO-META. Nessa relação, chega-se às seguintes projeções metafóricas:

DEUS COMO JUIZ

PADRE COMO JUIZ

“José Battistel: uma experiência rural plena [Subtítulo]

“José Battistel nasceu em 1900. É casado com Libera Bolzan e pai de treze filhos.

O catecismo e a religião [Subtítulo]

84

“[...]

“A dotrina iéra Bépi Banda, Sanco, la vécia Canossa, éh, i iéra divérsi che insegnava. Ghera anca Togno. Tognon i ghe ciamava, so parte de Dizidério lá, un ano um ano l’latro. Insegnava a dotrina. Oh! Ghemo inpará a dotrina

túti puíto. I me gá passá comunión. Lúri i fea a pergunta, noántri ghe dímo a risposta. I scumissiava, a só anca desso a mente mí. I dezea: Siête voi cristiano? – Si, io sono cristiano per la grássia di Dio. – E coza vol dire éssare cristiano? – Éssare cristiano vol dire éssere batezato e professar ela dotrina de Gesú Cristo. (el gá ito squázi tuta adotrina a mente).” (BATTISTEL, 1982, p. 426). [C4, AB, v.1, S10]

Tradução

“O catecismo era ensinado por José Dall’Agnol, Strapazzon, a velha Nalin, eram diversos. Havia também o Antônio, chamado Antonião, o pai do Desidério. Ensinavam um ano cada um. [(a) Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. Eu sei de cor. Diziam: “Sois vós cristãos?” – Sim, eu sou cristão pela graça de Deus. “E que significa ser cristão? – [(b) Ser cristão significa, ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo...] (disse quase todo o catecismo de cor e está gravado).” (p. 426).

(84a) “Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. Eu sei de cor. Diziam: “Sois vós cristãos?” – Sim, eu sou cristão pela graça de Deus.”

Dentre os submodelos que compõem o modelo RITUAL na estrutura radial hipotética proposta, destaca-se a catequese que, neste enunciado, é enfocada no discurso do imigrante. Evidencia-se que, para ele, aprender o catecismo equivalia a aprender as verdades da fé. Além disso, aquele que se demonstrava conhecedor do catecismo era pessoa digna, convergindo para o que propõe o *Sistema da Metáfora Moral*, mais precisamente, para a metáfora da FORÇA MORAL, que é a que prevê um esforço extra do homem para manter uma postura moral reta, equilibrada. De acordo com essa metáfora:

SABER O CATECISMO É SER MORAL

SABER O CATECISMO É SER CRISTÃO

Assim, podem ser construídos mapeamentos metafóricos como:

SER MORAL É TER RETIDÃO

SER MORAL É PARA CIMA

(84b) “Ser cristão significa, ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo...”

Nesse recorte surge, pelo ponto de vista de um imigrante, o significado de ser cristão para essa cultura. Tem-se corroborada a preocupação existente em manter-se fiel à prática dos rituais, mais exatamente, à prática dos sacramentos. Dentre os sacramentos, nesse caso, é citado o batizado, esse que também é realizado via RITUAL, ou seja, o RITUAL do batismo. O batismo também prevê uma organização pelo modelo

proposicional *script*, ou seja, sua realização está baseada em uma série de passos pré-determinados a serem seguidos, tais como: renúncia a satanás; adesão a Cristo; Litânia; oração para a benção da água; unção com óleo; oração para a vestimenta batismal branca e, finalizando, recitação do Salmo 31. Sendo assim, metonimicamente, SER BATIZADO É SER CRISTÃO.

87

“[...]”

“[...] O ritual do casamento religioso era em latim, por isto não era compreendido. A única participação dos noivos era o sim” (BATTISTEL, 1982, p. 606). [C4, AB, v.1, S3]

(87a) “O ritual do casamento religioso era em latim, por isto não era compreendido. A única participação dos noivos era o sim.”

Este recorte confirma o valor dado aos sacramentos, ao mesmo tempo em que demonstra a consciência que tinham da importância da realização do ritual religioso do casamento, para que esse adquirisse valor perante a comunidade. De acordo com o enunciado, mesmo que não houvesse compreensão, por parte dos noivos, quanto ao que estava sendo dito, sabiam que o “sim” de ambos confirmaria o ato que estava sendo realizado, bem como sua fé no sacramento e no ritual como forma de concretizar sua união perante Deus e os homens. Portanto:

O RITUAL DO MATRIMÔNIO UNE UM HOMEM A UMA MULHER

O RITUAL DO MATRIMÔNIO É INDISSOLÚVEL

O QUE DEUS UNE O HOMEM NÃO SEPARA

4 Considerações finais

A análise ilustrativa dos fragmentos confirma a ideia de que a cultura da imigração italiana era a de cultivar uma religião essencialmente ritualística, conservando sua fé através da manutenção dos sacramentos, materializados sob a forma de rituais. Ao mesmo tempo, intensifica o que é dito por Burkert (1996) quando afirma que o comportamento ritualístico revela a semelhança dos fenômenos religiosos nas diferentes culturas. A partir da análise do *corpus*, mantém-se a plausibilidade da hipótese de que o (sub)modelo RITUAIS é o principal modelo prototípico estruturante da categoria. No que diz respeito aos rituais, de acordo com Burkert, esses têm o poder de controlar o comportamento do corpo do homem, atuando como elo entre o mundo mental e o

ambiente natural e, o que é mais importante, segundo ele: “A transmissão da religião não ocorre sem ritual.” (1996, p. 43). A análise realizada com o aporte da Semântica Cognitiva revelou, por sua vez, a metáfora RITUAIS SÃO UM CAMINHO PARA ALCANÇAR DEUS, à qual se conectam outras metáforas e seus acarretamentos que estruturam a categoria RELIGIÃO como um todo. O caráter metonímico de RITUAIS com relação à RELIGIÃO traduz-se na hipótese, mantida de pé, neste estudo, de que “ser religioso” e “manter-se na religião” depende de cumprirem-se certos rituais. Esses atos, conforme se demonstrou são influenciados por um modelo cognitivo-cultural metafórico expresso no SISTEMA DA METÁFORA MORAL. O imigrante italiano, de acordo com a análise feita, manteve-se o tempo todo em conexão com as coisas da Igreja e do divino, por meio de atividades ritualísticas. Pode-se concluir, também, que esse comportamento ritualístico era a única maneira de, na ausência de capelas e igrejas, não perder contato com as coisas da fé e de garantir forças para superar as dificuldades que enfrentava.

Além disso, conforme Eliade (1992), é por meio dos ritos que o homem faz a passagem do tempo profano para o sagrado, possibilitando que o tempo sagrado seja repetido ilimitadamente.

A tentativa de reconstruir os modelos cognitivo-culturais que organizam o conceito de RELIGIÃO revelou que esses modelos são produtos das experiências do homem em outros domínios, chamados domínios-fonte, os quais são projetados para um domínio-alvo, carregando alguns traços de suas significações. Dentre os domínios-fonte mais importantes, constatou-se que FAMÍLIA e EXPERIÊNCIA MORAL DO HOMEM são as que têm maior impacto sobre a organização da categoria RELIGIÃO. Sustenta-se, portanto, que a teoria do *Sistema da Metáfora Moral*, proposta por Lakoff e Johnson (1999), associada à Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, tem grande potencial descritivo e explanatório para o tratamento da estruturação do domínio conceptual da religiosidade.

Referências

AZEVEDO, Thales de. *Os italianos no Rio Grande do Sul – cadernos de pesquisas*. Caxias do Sul: Educs, 1994.

BAREA, D. José. (trad.) Mário Gardelin e Rovílio Costa. *A vida espiritual nas colônias italianas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edições Est, 1995.

BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Colônia italiana: religião e costumes*. Porto Alegre: Escola

Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias, 1982. V. 1.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Educs, 1982. V. 2.

BRANDALISE, Ernesto. *Paróquia Santa Teresa: cem anos de fé e história 1884-1984*. Caxias do Sul: Educs, 1985.

BURKERT, Walter. *A criação do sagrado: vestígios biológicos nas antigas religiões*. Traduzido por Vitor Silva. Edições 70: Lisboa/ Portugal, 1996. Tradução de: Creation of the sacred.

DE BONI, Luis A. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: LANDO, Aldair Marli et al. (Orgs.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Traduzido por: Paulo Neves: São Paulo: Martins Fontes, [1912], 1996. Tradução de: Les formes élémentaires de la vie religieuse.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Traduzido por: Rogério Fernandes São Paulo: Martins Fontes, [1957], 1992. Tradução de: Le sacré et le profane.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

GRANZOTTO, Carina Maria Niederauer. *Semântica cognitiva aplicada: a radialidade da categoria RELIGIÃO nos discursos dos imigrantes italianos (de 1875 à década de 1950)*. Caxias do Sul: UCS, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional), Universidade de Caxias do Sul, 2007. 326 p.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e imigração italiana: os capuchinhos de Sabóia e seus contributo à Igreja do Rio Grande do Sul (1895-1915)*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975.